

Debates evidenciam recuo do governo nos Direitos Humanos

Da Redação

Contradições na luta e definição do tema foram pauta da Semana

A pauta Direitos Humanos é apropriada hoje pela sociedade brasileira de diversas formas. Enquanto alguns consideram a luta pela reforma agrária, igualdade de gênero, liberdade de pensamento como Direitos Humanos, outros se empenham em defender o direito a propriedade privada. Com o lançamento do 3º Plano Nacional de Direitos Humanos essas questões voltaram a pautar a mídia e a dividir opiniões, e por essa razão foi o tema escolhido a ser debatido na Semana de Jornalismo deste ano.

Diferente de outros cursos e universidades, a Semana de Jornalismo da PUC-SP é tradicionalmente construída pelos estudantes, Centro Acadêmico Benevides Paixão e Departamento de Jornalismo. O **Contraponto** realizou a cobertura desta semana, que ocorreu entre os dias 24 e 28 de maio, contando com debates, oficinas, exibição de documentários e coletivas. Os textos abaixo contam um pouco como foram estas discussões e nas próximas páginas foi dado um destaque as coletivas, especiais não só por suas temáticas e personagens, mas também pela intervenção da equipe do jornal.

A Luta Pelos Direitos Humanos – O jornalismo é um significativo constituinte da luta pelos Direitos Humanos, a qual, por sua vez, apresenta diversas contradições. A discussão da mesa inaugural da Semana de Jornalismo da PUC – SP, contou com a presença do candidato à presidência da República pelo PSOL, Plínio de Arruda Sampaio, e da juíza da Associação dos Juizes pela Democracia, Kenarik Boujikian Felipe.

Plínio de Arruda lembrou que a imprensa contraria os Direitos Humanos ao condenar alguém antes mesmo que essa pessoa seja julgada. Citando o filme “A Montanha dos Sete Abutres”, exemplificou a forma como a mídia age sem escrúpulos. Lembrou ainda que os Direitos Humanos são utilizados, muitas vezes, como pretexto para ações que justamente contrariam suas propostas. É o caso dos EUA, que justificam suas intervenções e guerras, a partir de declarações dos Direitos Humanos.

A juíza Kenarik ressaltou que a imprensa defende a desigualdade promovida pelo Neoliberalismo, fortalecendo um Estado de total desrespeito aos Direitos Humanos. Foi apresentada, ainda, uma contradição na Constituição brasileira: ao mesmo tempo em que se defende a igualdade, o que se tem, na prática, é uma das maiores desigualdades sociais do mundo. A Juíza lembrou, ainda, que o jornalista é vítima do abuso contra os Direitos Humanos, a partir do momento em que é censurado, principalmente por parte do poder judiciário, o qual tem, por definição, o dever de garantir o respeito aos Direitos Humanos.



Giulia Longhi

Mesa expõe visões contraditórias sobre o significado dos direitos humanos, nas acepções política, cultural e social.

(Da esq.-dir.) Oswaldo Coggiola, Gilmar Mauro e Luis Felipe Pondé



Giulia Longhi

E como a imprensa vem agindo? – Já no debate noturno de terça, Hamilton Otavio de Souza falou sobre o que é considerado violência pelos meios de comunicação (ação repressiva da polícia, crimes, atos anti-sociais, etc.). Hamilton afirmou sobre a existência de uma violência praticada pela própria imprensa aos segmentos da sociedade (pobres, negros, movimentos sociais, etc.), que são considerados como classes “perigosas”, pessoas que acabam tendo um tratamento diferenciado de outros setores da sociedade brasileira.

O professor Cláudio José Langroiva disse sobre o fato de o estado ser o autor e mandante de toda sistemática de comunicação do país, ele mantém as áreas de jornalismo que funcionam atualmente, libera autoria e mantém os meios de comunicação, já a mídia se apropria da “franquia” dada pelo estado como bem entende. A lei de imprensa foi suspensa, porém era um instrumento de defesa, pois com sua ausência, ficamos a mercê daqueles que tem condições de manipular a população, “O que é violência, é aquilo que a mídia nos impõe como violência, ou é aquilo que nós julgamos ser violência?”.

Lúcia Rodrigues comenta que o que falta hoje no jornalismo brasileiro é ir atrás dos fatos e não ficar acomodado com a versão oficial dada pela acessória de imprensa, pois a versão oficial é a da polícia, e isso não é jornalismo. Um exemplo disso, segundo a jornalista, é o caso que aconteceu na cidade de São Paulo em maio de

2006, conhecido como o ataque do PCC, onde as declarações da mídia foram que as mortes que ocorrem haviam sido causadas pelo Primeiro Comando da Capital, porém, um jornalista da tribuna de Santos, acabou descobrindo que os assassinatos foram feitos pela polícia militar. Essa notícia ainda não foi publicada pela mídia, devido a ameaças sofridas pelo repórter.

Debates sobre documentário valorizam histórias a serem descobertas através da câmera – A Semana de Jornalismo chegou à metade com a presença de três convidados que fazem do documentário um meio de contar histórias que acreditam que precisam ser contadas.

Na manhã do dia 26 de maio, o cineasta Jorge Bodanzky conversou com os estudantes de jornalismo da PUC. De noite, Pedro Henrique França e Guilherme Manecchini, jornalistas formados pela PUC, trouxeram de volta à faculdade seu TCC sobre o ex-prefeito de Campinas, assassinado em 2001, conhecido como Toninho. Veio, ainda, outra convidada, personagem de uma dessas histórias: a viúva de Toninho, Roseana Garcia, falar sobre o relato do obscuro crime que resultou na morte de seu marido.

Amazônia, personagem – Bodanzky contou que foi influenciado pelo fazer jornalístico: “Não fiz jornalismo, mas trabalhei como fotógrafo e como câmera para correspondentes de tele-

visão estrangeiras no Brasil. Minha formação no cinema vem da câmera, do olhar jornalístico”.

Em seguida, exibiu trechos de diferentes trabalhos, como *O Terceiro Milênio*, registro da viagem que fez com o senador amazonense Evandro Carreira, durante campanha eleitoral para governador do Amazonas, em 1979, navegando pelo rio homônimo. Também nos apresentou à *TV Navegar*, uma *webtv* (www.tvnavegar.com.br), onde ele armazena registros de oficinas de cinema em comunidades indígenas da floresta amazônica. O projeto originou seu trabalho mais recente, ainda inédito nos cinemas brasileiros; *No Meio do Rio, Entre as Árvores*, documentário que reúne imagens dos alunos dessas oficinas e do próprio diretor e sua equipe.

A relação entre cinema e jornalismo em sua obra é notável não só por sua extensa produção de documentários, mas pelo modo como sua câmera e seu olhar buscam desvendar personagens e fatos em cena, ou, talvez, colocar personagens e fatos em cena; em destaque, como seus alunos que ajudaram a conceber *No Meio do Rio...*, que nunca tinham segurado uma câmera.

Desde seu primeiro longa, *Iracema, uma Transa Amazônica* (1976), documentário/ficção que registra os impactos sócio-ambientais na floresta, a Amazônia é protagonista. Sobre suas idas à região, diz que “toda vez é uma Amazônia diferente”, há sempre coisas novas para descobrir e contar sobre essa personagem. Vem a calhar: “por que você faz filmes?”, perguntei, “Porque eu gosto de contar histórias”.

A História e as histórias – “Para quem quiser fazer TCC em documentário, procurem essas histórias que ficaram mal explicadas, mal resolvidas”, disseram Pedro Henrique França e Guilherme Manecchini, autores de *Ecos*, documentário que acompanha trajetória política de Antônio da Costa Santos, o Toninho, até o seu assassinato em setembro de 2001, nem um ano depois de eleito prefeito de Campinas. Para além desse fato principal, outra personagem emerge na história, a viúva de Toninho, Roseana, há nove anos buscando a solução do crime.

O filme testemunha a dificuldade de se combater a violência, a impunidade e a corrupção no Brasil, pois a morte de Toninho, jamais esclarecida, pode ter causas políticas; ele desafiou o crime organizado e a especulação imobiliária em Campinas para levar adiante um projeto de reurbanização de favelas e áreas ocupadas ilegal-

mente. Segundo Roseana, “Toninho não tinha preço. Quem tem preço fica, e ele foi”.

Roseana diz, por fim, que não vai parar de buscar respostas sobre a morte do marido, embora lhe custe energia e saúde, pois “Toninho morreu porque acreditava num mundo melhor”. Para quem partilha do mesmo credo, *Ecos* é um bom parâmetro sobre nosso papel perante a História.

Novidade: oficinas – Roniwalter Jatobá, cronista da oficina da manhã de quinta-feira, citou os principais cronistas da “velha-guarda”, como Lourenço Diaféria, da *Folha de S. Paulo* e Luiz Martins, mais conhecido como LM, que escrevia para *O Estado de S. Paulo*.

Entre suas citações, Jatobá leu a crônica de Diaféria “Herói, morto, nós” e a de Martins, “Quem paga o peixe?”, que falava sobre um domingo em que acabou a luz no apartamento do autor e estragou seu peixe congelado, trazendo a plateia de estudantes ao riso.

Além de contar brevemente sobre o “boom” da crônica, nos anos 1950 e 60 na imprensa, principalmente com Rubem Braga, os autores citados e José Carlos de Oliveira; Jatobá encerrou com a frase de Diaféria: “A crônica serve para mostrar o outro lado de tudo”.

Ainda na quinta-feira, à noite, Tiago Araújo compartilhou com os estudantes sua experiência com crônicas e se declarou um apaixonado por escrever. Com jeito descontraído, e meio atrapalhado, o cronista de XX anos, preferiu quebrar a formalidade. Saiu de trás da mesa e conversou cara a cara com os estudantes.

Depois do bate papo e de tirar algumas dúvidas sobre a profissão, Tiago propôs um exercício de decodificação de imagens. Todos os alunos presentes formavam uma frase a partir daquilo que enxergavam em cada imagem, a intenção era dar uma estrutura a uma crônica.

Esse tipo de atividade estimula a criatividade, o pensamento rápido e associações livres. “Elementos fundamentais que qualquer escritor deve ter, principalmente, ao se trabalhar com crônicas”, afirma o cronista. De acordo com Tiago, para ser um cronista você deve ter esse olhar analítico e decodificador voltado para as cenas cotidianas, assim se extrai ótimas ideias e se dá vida à infinitos textos.

Charge – A Oficina de Charge foi realizada pelo chargista piracicabano André Marangoni. Laís Guaraldo e Marisa Nascimento, respectivamente professora e aluna responsáveis pela oficina, fizeram uma breve apresentação sobre imagens veiculadas nos meios de comunicação, bem como as relações que essas estabelecem com o texto. Em seguida, Marangoni discorreu sobre seus trabalhos, seu processo de criação e mostrou diversas charges publicadas em veículos informativos diversos.

Os alunos puderam assistir ao chargista fazendo um esboço para mostrar as técnicas de proporção que um desenho deve ter. Por fim, Marangoni propôs que os próprios alunos elaborassem suas charges. O resultado foi interessante, pois, com esta atividade, o chargista quis mostrar que todos podem estimular a criatividade.

Em entrevista ao *Contraponto*, Marangoni disse que gostou muito de realizar a oficina e salientou que as redações precisam dar mais espaço para que os profissionais do desenho de-

sempehem seu trabalho: “Espero que os futuros jornalistas cheguem nas redações com uma consciência maior da importância dos chargistas e dos ilustradores”.

Um só discurso? – A mesa, que trouxe visões opostas sobre os direitos humanos, começou quente com a exposição de ideias dos convidados: Luis Felipe Pondé, Gilmar Mauro e Osvaldo Coggiola. O primeiro convidado a se pronunciar foi o professor da pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-SP e articulista da *Folha de S. Paulo*, Luis Felipe Pondé, que trouxe a questão da base do humanismo estudado no Brasil. Citou filósofos como Jean-Jacques Rousseau e suas heranças. “Quando a partir do século XIX começa a se falar em humanismo na filosofia, a expressão quer dizer que o ser humano é capaz de dominar a si mesmo e o seu futuro”, contou.

Gilmar Mauro, membro da coordenação nacional do MST, abordou a lógica do capital como tema central para a discussão. Segundo ele, é um mito pensar em sustentabilidade em direitos humanos dentro de um sistema que mercantiliza desde a educação, saúde, estradas e, principalmente, a força humana de trabalho. “Produzir feijão ou produzir bomba, pra lógica do capital não tem diferença”, afirmou. Gilmar fez um detalhamento dos interesses e das atitudes concretas que os grandes produtores têm ao se pensar em lucro. Essa reflexão foi de extrema relevância para se contrapor as ideias dos outros participantes, principalmente do professor Pondé, que representando parte do pensamento de um grande jornal mostrou aos alunos que há sim visões contrárias sobre o mesmo tema.

Para reafirmar posições contrárias, o professor Osvaldo Coggiola expos ideias gerais sobre a visão da economia sobre a dinâmica do capital e como isso vem interferindo até nas relações interpessoais. “Para avançar com um discurso de direitos humanos pleno, é preciso que o humano esteja no centro”, Gilmar Mauro.

ONGs podem atrapalhar mais do que ajudar – A última mesa da Semana de Jornalismo 2010 da PUC-SP trouxe esta questão à tona. Participaram da mesa Leonardo Sakamoto (Repórter Brasil), Marisa Feffermann (Tribunal Popular) e Ana Maria Straube (Abong).

Primeiro, os convidados expuseram a relação dos seus trabalhos com os direitos humanos, tema da Semana de Jornalismo. Ana Maria Straube contou o que é a Abong e explicou que um dos eixos de atuação da organização é fortalecimento da democracia e o outro é a questão da sustentabilidade. Com relação aos direitos humanos, a Abong trabalha com os problemas que envolvem gênero e raça”, disse Ana Maria.

Leonardo Sakamoto expôs a linha editorial do Repórter Brasil e mostrou os desafios de se fazer uma matéria, que discutem principalmente a escravidão no interior do Brasil. “Eu me meto em muitas enrascada para investigar os casos, mas vale a pena quando você vê que o problema de um determinado local foi solucionado”, disse o jornalista.

Já a psicóloga Marisa Fefferman trouxe em um discurso carregado sobre a sua experiência de vida com a comunidade de Paraisópolis, em São Paulo, o problema de haver muitas organizações não governamentais e que não estão protegendo os habitantes. “As ONGs recebem dinheiro público e por isso estão ligadas ao estado e o nome não governamental não diz nada. De que direitos humanos estamos falando? A política neoliberal está matando as pessoas”, afirmou Marisa.



Alunos na oficina de Charge ministrada por André Marangoni

Giulia Longhi